

AS BRUXAS JUDIAS N'A CASA DE NATÉRCIA CAMPOS

The Jewish Witches in A Casa (The House) by Natércia Campos

DOI: 10.14393/LL63-v39-2023-22

João Lucas Vieira Nogueira^{1*}

RESUMO: No romance *A Casa* (2011) [1998], a narradora é um casarão de fazenda sertanejo, que constrói seu conhecimento através da observação cotidiana dos seus moradores e dos cicios dos ventos que lhe sopram as novidades do mundo. Figuras e situações mágicas e místicas surgem no desenrolar da vida da velha casa. Neste artigo, buscamos relacionar eventos místicos narrados por Natércia Campos com tradições judaicas e cabalistas que se misturaram à cultura popular, principalmente em seu viés feminino, ao longo da mestiçagem pela qual passaram os cristãos-novos no Nordeste brasileiro à luz de teóricos como Silva M. (2019, 2022), Scholem (2021), Novinsky (2015) e Cascudo (2001). Percebemos que costumes característicos do sertão carregam elementos da cultura sefardita. Com a teoria da mestiçagem de Pinheiro (2020), concluímos que há a existência de um misticismo mestiço, com a incorporação de elementos judaicos-cabalistas na religiosidade popular e que são narrados no romance de Campos.

PALAVRAS-CHAVE: Bruxas. Criptocabalismo. Criptojudaísmo. Sertão. Mestiçagem.

ABSTRACT: In the novel *A Casa* (2011) [1998], the narrator is a countryside farmhouse, which builds its knowledge through the daily observation of its inhabitants and the wind changes that blow the news. Magical and mystical figures emerge throughout the old house's life. In this article, we build on theorists such as Silva M. (2019, 2022), Scholem (2021), Novinsky (2015) and Cascudo (2001) to seek to relate mystical events narrated by Campos to Jewish and Kabbalistic traditions that were mixed into the countryside culture, especially in its feminine perspective, during the mestizaje that the New Christians went through in Brazil. We can see that the characteristic customs of the countryside carry elements of Sephardic culture. Using Pinheiro's theory of mestizaje (2020), we conclude that there is a mestizo mysticism, with the incorporation of Jewish-Cabalist elements into popular religiosity, as narrated in Campos's novel.

KEYWORDS: Witches. Cryptocabalism. Crypto-Judaism. Hinterland. Mestizaje.

^{1*} Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. ORCID: 0000-0001-5601-205X. E-mail para contato: pedralispe(AT)gmail.com.

1 Introdução

No prefácio da terceira edição (2011) do livro *A Casa*, Sânzio de Azevedo apresenta Natércia Campos (1938-2004), como filha de Moreira Campos – o maior contista do Ceará – e de D. Maria José Alcides Campos (D. Zezé) e que deixou cinco livros publicados: *Iluminuras* (1988), *Por Terras de Camões e Cervantes* (1998), *A Noite das Fogueiras* (1998), *A Casa* (1999) e *Caminhos das Águas* (2001). Para o escritor prefaciador, todos são unânimes em considerar o ponto mais alto de sua obra, o romance *A Casa* (1999), que recebeu o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura no ano de 1998. Recupera uma lembrança da autora que revela: “Tenho saudade de coisas que não vivi neste sertão belo e trágico do Ceará, pois fui menina nascida e criada na Praia de Iracema, da cidade de Fortaleza”, mas que, entretanto, teria estudado com tal profundidade a vida do sertão nordestino que, ler o romance *A Casa*, seria embeber-se em “tudo quanto diga respeito aos homens, aos costumes e às paisagens do mundo sertanejo, com suas credices, como a do parto duplo da mãe de um dos viventes dessa história.” Azevedo segue então apresentando as enormes qualidades literárias do livro e de sua autora. Já durante o prólogo, a própria Natércia Campos lista seus interesses nas histórias sertanejas explicando que:

Acalento dentro de mim este mundo não vivido, instigado por velhas histórias escutadas nas noites de vento e maresia. Muito depois, os livros, amigos queridos que me acompanham desde a infância, povoaram minha imaginação do mundo mítico que me antecedeu a envolver-me na saga dos que aqui já viviam e dos desbravadores vindos dos seus reinos de além-mar. As culturas populares com suas tradições, costumes, acalantos, assombros, fogueiras, taumaturgos, artesãos, folguedos, cantadores, danças de roda, encourados, superstições e preceitos marcaram-me a alma com seu “ferro e sinal”. (p. 17)

Ao final de seu prólogo, faz uma importante e reveladora citação de Luís da Câmara Cascudo, a quem chama “mestre”, quase em forma de oração: “Talvez, no romance *A Casa*, ‘os segredos múltiplos da reminiscência, o mundo que vive em nós, obscuro e palpitante’, nas palavras do mestre Luís da Câmara Cascudo, ajudem-me a ampliar esta singular saudade dos sertões da terra (p. 18).

São justamente essas reminiscências de um mundo obscuro e palpitante que buscamos no texto de *A Casa*. Nos interessa, à luz das pesquisas de Silva e Santana (2022), encontrar os elementos místicos de uma herança criptojudáica que se mestiçaram na cultura sertaneja e

emergem dessas histórias subterrâneas em “tradições, costumes, assombros, fogueiras, taumaturgos, encourados e superstições”. Buscaremos encontrar as referências às bruxas feitas por Natércia Campos e suas relações com tradições judaicas e cabalistas que foram criptografadas na cultura sertaneja.

2 A Casa e o misticismo judaico

Em seu livro *A Deusa Judia que se exilou no Sertão*, Silva e Santana (2022) buscam elementos místicos desse criptojudaísmo presente na cultura sertaneja a partir do universo feminino, buscando referências literárias na poesia popular e no romanceiro de Ariano Suassuna, ao qual podemos traçar paralelos com a obra de Natércia Campos. Em seu livro anterior, *A religião Católico-sertaneja: Reminiscências do Criptocabalismo no Seridó Judaico*, M. Silva (2019), além de buscar informações na literatura de Suassuna, principalmente em *A Pedra do Reino* (2012) e no *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores* (2017), onde analisou a religião Católico-sertaneja proposta pelo personagem principal Pedro Diniz Quaderna, traz referências a diversos costumes da cultura sertaneja que podem ser atribuídos a uma herança judaica que foi paulatinamente se incorporando ao cotidiano popular através da mestiçagem como forma de sobrevivência. Um ponto importante em sua pesquisa é a relevância dada ao que Caesar Sobreira chamou de “criptocabalismo”, que seriam aspectos de uma cabala prática incorporada através de uma série de costumes místicos e de superstições. Em sua pesquisa de campo, M. Silva (2019, p. 131), lista práticas como a cartomancia, utilizando cartas de baralho ou de tarô, o uso constante de enigmas, a astrologia, a numerologia, o uso de amuletos, encantamentos e grimórios, como o *Grande Livro de São Cipriano e a Cruz de Caravaca*, a crença no poder mágico da palavra e o valor conferido a tipos sociais como o "feiticeiro" sertanejo, que desempenha funções de raizeiro, astrólogo, rezador e intérprete de sonhos, como práticas de um possível criptocabalismo entranhado nas práticas místicas populares. Câmara Cascudo (2001) também chama atenção para esse misticismo judaico e a disputa que se fazia entre judeus e mouros pelos segredos astrológicos, como conselheiros dos reis em Espanha, Portugal e França e que eram poderosos por saberem os roteiros marcados pelas estrelas e planetas, basilando o destino dos homens.

Natércia Campos (2011), ainda nas primeiras páginas de seu livro, nos traz essa bela e instigante passagem, em que a Casa, narradora da história, fala dos demônios do meio-dia, caminhando nos remoinhos e parando apenas nas soleiras das casas:

Na soleira, como na pedra de ara dos altares, as mulheres não deveriam tocar para não secarem a madre, tornando-se estéreis. As centelhas das micas na pedreira coruscaram fagulhas no sol forte, no pino do meio-dia. Meu dono falou aos homens sobre esta hora aberta, a meridiana, hora sem defesa em que os demônios do meio-dia libertam-se. Hora grave de ameaças já que pragas e rogos são atendidos pelos céus. Nesta sexta-hora, lenta, em que as pedras deslocam-se, acontecem as contendidas entre os ventos, os remoinhos que bruscos arrebatam folhas e poeira elevando-os em espiral só detendo-se diante das soleiras das casas. Há de se fazer sesta nesta hora em que Pã adormecia, silenciavam as avenas e os deuses silvestres repousavam das fadigas da caça. Ouve-se só o tropel dos animais encantados, vindos dos caminhos em cruz, em fúria cavalgada. Tudo invisível. Até as sombras furtadas pelo sol a pino. Hora das miragens. Não se deve olhar para trás. O velho daquele sertão falou que, nesta hora de risco, o Redentor fora crucificado. Os cachorros acuam e se enroscam temerosos com o que vêem, o gado procura a proteção das malhadas e os homens se resguardam em suas casas (p. 26-27, grifo nosso).

Emilio Fonseca Moretón (2004), em pesquisa sobre casas de judeus e conversos na Galícia e no norte de Portugal explica que o que caracterizava e singularizava externamente a casa de um judeu era o uso da Mezuzá – uma pequena caixa que guarda um rolo ou pergaminho em que estão escritos determinados versículos do Deuteronômio e que deve ser colocada, aproximadamente na altura do ombro de uma pessoa adulta, no plano interior do batente da porta, de preferência do lado direito, na porta de entrada da casa. A. L. L. Silva (2019) explica que, de forma ortodoxa, o símbolo judaico que marca uma casa é a Mezuzá e que esse símbolo se trata de um artefato de cunho religioso que representa proteção e a fé dos devotos judeus. Portanto, o umbral da casa, representado no texto com o poder mágico de proteção da soleira, que impede a passagem do demônio do meio-dia, pode muito bem remeter à proteção proveniente da utilização da Mezuzá na porta principal das casas. Evidentemente, o uso da Mezuzá deixou de acontecer devido às perseguições promovidas pela Inquisição, podendo ter sido substituídas por cruzes feitas de palha de coco, colocadas nas portas, comuns nas comunidades rurais de Pernambuco e Paraíba (SILVA, A.L.L., 2019). Miele (2008), narra sobre a presença judaica na cultura do sertão paraibano, através dos cristãos-novos, dentre os quais, enquanto hábito de higiene, há o costume de varrer a casa no sentido da porta da frente para

a porta de trás. Informa que a alegação usual para o hábito é o de que, caso se fizesse o contrário, as visitas não mais voltariam. Entretanto, explica que a prática está, na verdade, ligada ao respeito pela Mezuzá, que era pendurada nos portais de entrada das casas, e, portanto, passar o lixo por ela seria um sacrilégio. Tal costume mostra o respeito existente no sertão pela porta principal da casa, e, quem sabe, levando a atribuir tais poderes mágicos de proteção às soleiras.

Outra importante passagem de Natércia Campos (2011) em que podemos fazer importante paralelo com o pensamento cabalístico é quando a Casa fala dos ensinamentos dos ventos, que lhe ensinam sobre a magia e a força das palavras pronunciadas:

Foram os ventos que me contaram histórias, me deram ciência. Na época da grande volta dos ventos, depois de agosto sempre de céu escampo, se podia ouvir nas encruzilhadas como seria o tempo no ano vindouro. Foram eles nos cílios que me disseram da magia e força das palavras pronunciadas a desalojar o que está emparedado, acordando reminiscências, atijando a memória. Os segredos se desassossegam. Circulam. Os mortos acodem ao serem invocados seus nomes (p. 27, grifo nosso).

Como já mencionado, M. Silva (2019), ao listar características do criptocabalismo popular, cita o “poder mágico da palavra”, pois Deus, na tradição judaica, criou o mundo através da palavra, pela combinação de letras do alfabeto hebraico. Vejamos o que diz a Sefer Yetzirá (PAMPLONA, 2018), um dos principais livros cabalistas:

Com 32 caminhos místicos de Sabedoria gravou Yah, o senhor dos exércitos, o Deus de Israel, o Deus vivo, Rei do Universo, El Shadai, Clemente e Misericordioso, Elevado e Exaltado, que mora na Eternidade, cujo nome é Sagrado – Ele é sublime e sagrado – E criou Seu universo com três livros (Sefarim), com texto (Sefer), com número (Sefar) e com comunicação (Sipur).

Ou seja, Deus combinou letras, formando palavras que deram origem ao mundo. Deus trabalhou com o poder mágico da palavra para realizar sua grande criação. Scholem (2021) explica que em sua maior parte, o domínio da Cabala prática é o da magia de motivação pura ou “branca”, especialmente tal como praticada por intermédio de Nomes de Deus e de anjos, sagrados e esotéricos, cuja manipulação poderia afetar tanto o mundo físico quanto o espiritual. A crença no poder das palavras aparece ainda outra vez na narrativa:

O poder das palavras aqui emparedadas atravessa o silêncio e ressoam para mim as velhas histórias contadas e lidas à luz das candeias (p. 35, grifo nosso).

Utilizando-se palavras específicas, seria possível produzir amuletos e talismãs com diversas finalidades, como o exemplo dado por Faingold (2000) sobre a palavra Abracadabra. Esta seria uma antiga fórmula aramaica, extraída do misticismo judaico e da Cabala prática. Seria então comum, no antigo Oriente, acreditar que essa estranha palavra possuía poderes superiores, celestiais, capazes de curar todo tipo de doenças. No século II, um documento atribuído ao médico romano Severus Sammonicus, intitulado “Preceitos de Medicina”, um tratado terapêutico, ensina o modo correto de colocar os caracteres da palavra Abracadabra. As letras escritas deveriam ser colocadas em um pergaminho e dobradas em triângulo, de forma que não fosse possível decifrar as letras a partir da parte externa. A fórmula deveria ser amarrada com um fio branco ao pescoço do enfermo durante nove dias. Após esse período, vagarosamente, o convalescente se levantaria da cama e caminharia até as margens de um rio, onde atiraria o pergaminho com a fórmula mágica. Durante o período em que a fórmula estivesse em seu pescoço, teria que repetir diariamente as palavras: “que sejam combatidas as febres intermináveis, as fraquezas existentes e que todas as doenças mortais sejam afastadas com seu maravilhoso poder de cura”.

Outra característica judaica que é narrada por Natércia Campos diz respeito aos rituais funerários, como na seguinte passagem:

Fora ela quem tirara do oratório a vela e colocara acesa na mão do sobrinho na noite em que ele morreu. Pronunciara o nome dele pela última vez quando cerrou seus angustiados olhos: “Cipriano fecha os olhos para o mundo e abre-os para Deus.” Noite de Guarda ao morto, de choros e orações. Derramaram toda a água aqui existente, a dos cântaros, gamelas, jarras, cabaças, quartinhas, vasilhas, ancoretas e potes. Preceito dos antigos. Lei velha, pois a alma do morto podia vir banhar-se e nelas o Anjo lavara sua espada percuciente (p. 51, grifo nosso).

Segundo Pinheiro (2012), na tradição judaica, o anúncio da morte ocorre com o derramamento de água. Segundo o autor, muitos pesquisadores apontam que o costume foi identificado em várias culturas e que teria surgido na Idade Média. Acreditava-se que o espírito do morto permanecia vagando após a morte e poderia oferecer riscos a antigos desafetos. Existia também a crença de que os espíritos não conseguiam atravessar extensões de água e, portanto, ao derramá-la, o espírito de quem morreu não poderia passar por ali, ou se afogaria. Em sua pesquisa, Pinheiro (2012) percebeu que essa tradição vem sendo mantida ao longo dos séculos, tendo um dos primeiros registros desse costume em Pernambuco, acontecido em

1593, durante a primeira visitação do Santo Ofício ao Brasil. Uma das denúncias foi contra a cristã-nova Branca Mendes, realizada por sua enteada Barbara Castelhana:

quando morria alguma pessoa em sua casa como foi quando morreo hum negro chamado Gonçallo e outro Fernãodo, e outros, e assi quando morria alguma pessoa na villa mandava lançar fora toda agoa dos potes que em casa avia, e despois de os defuntos enterrados mãodava trazer agoa fresca pêra casa quãodo mandava vazar os potes perguntada alguãs vezes pellos filhos que erão meninos por que a mãodava vazar respondia que não era bom beber aquella agoa por que morreo tal pessoa (MELLO, 1984, p. 100 *apud* PINHEIRO, 2012).

Miele (2008) também traz a mesma informação, ao fazer uma lista de costumes sefarditas encontrados entre as famílias sertanejas. Ao explicar os ritos funerários, diz que depois do funeral a casa deve ser lavada e toda a água da casa deve ser jogada fora, conforme descrito por Natércia Campos. Na continuação da narrativa d'A Casa, Campos conta que:

Nas gerações seguintes o preceito de derramar as águas foi sendo esquecido e outros costumes surgiram, entre eles, os cantos entoados nos velórios, diante do morto, as excelências e o de cobrirem com crepes na primeira semana dos lutos e nas noites de trovoadas e relâmpagos o belo espelho oval, emoldurado por querubins, laços e folhas de acanto de madeira (p. 51, grifo nosso).

Pinheiro (2012) também fala desse costume de cobrir espelhos. Explica que ainda hoje, as famílias mais tradicionais cobrem os espelhos de suas casas após a morte de um ente querido ou amigo próximo. Tal costume viria da Idade Média, seguindo várias interpretações sempre ligadas à imagem, seja do defunto ou dos enlutados. Segundo o autor, a tradição judaica proíbe a reza e a realização de serviços religiosos diante de espelhos, por isso não são elementos decorativos em sinagogas e, quando o serviço é realizado na casa do morto, os espelhos são cobertos. Além disso, cobrir os espelhos seria uma forma de não ver a si mesmo em estado de tristeza e aflição, pois isso não seria adequado com Deus que criou o homem à sua imagem e semelhança, de forma a demonstrar que o enlutado não culpa a Deus pela dor que enfrenta. O costume, mais uma vez, é confirmado por Miele (2008), que diz que “constatado o falecimento, todos os espelhos da casa devem ser cobertos” (p. 549).

Ainda sobre ritos funerários, Natércia Campos também fala sobre amortilhar o finado em um burel branco, como na seguinte passagem:

Tia Alma teve um levíssimo frêmito e serena expirou ao pôr-do-sol, naquele santificado mês de novembro. Em volta de seus pulsos e de suas mãos foi colocado seu rosário de cento e sessenta e cinco camândulas após amortalharem-na em burel branco. Jamais os ventos repetiram sua triste salmodia, ficando seu desejo aqui emparedado.

Anos foram passados e ao se fazer o traslado dos ossos de tia Alma, no rápido instante em que foi aberto o caixão ela estava tal qual fora enterrada. Um vento repentino desceu naquele momento e desfez em pó sua imagem e dela restaram suas duas tranças, longas, fartas e claras. Não mais as enterraram pois alguém, ao esfregar as suas pontas entre os dedos, sentiu o crepitar sedoso daqueles fios palpitantes de vida. Foram estas tranças as primeiras relíquias daquele sertão (p. 53, grifo nosso).

Quanto ao uso da mortalha, Pinheiro (2012) também o anota como costume judaico. O autor explica que, de acordo com Kolatch, a prática foi instituída no ano de 195 d.C por Rabin Gamliel, com o intuito de mostrar que, ao se enterrar todos do mesmo modo, ficaria claro que pobres e ricos são iguais perante Deus. As mortalhas são chamadas de tachrichim, em hebraico e são um conjunto de sete trajes separados e vestidos no falecido. Devido à proposta de simplicidade, o material não poderia ser caro ou dispendioso, utilizando-se, por exemplo, musselina, linho ou algodão. Segundo Pinheiro (2012), atualmente percebe-se uma preferência por um tipo de tecido chamado morim. Ao entrevistar pessoas responsáveis pela confecção dos trajes, o autor descobriu que as mortalhas não podem ter nós ou costuras para que, no encontro com Deus, o morto retorne à vida de forma mais rápida, sem precisar superar empecilhos, como “desatar nós”. Outro ponto interessante apontado pelo autor é que as mortalhas não podem ter bolsos, representando um dos preceitos éticos dos judeus que diz que, desta vida, só se pode levar os ensinamentos da Torá, que pode ser colocada no caixão e as boas ações. Nada material pode acompanhar o falecido porque nada estava com ele quando nasceu. Outro detalhe importante apontado é a cor branca, que simboliza a pureza e, desde o começo, vem sendo identificada como a cor nacional dos judeus. O uso da mortalha em Pernambuco é identificado desde o século XVI (PINHEIRO, 2012), com inúmeros depoimentos registrados sobre o tema pelo Santo Ofício.

Miele (2008, p. 549) também aponta esse costume, explicando que “o corpo do defunto deve ser lavado com água trazida da fonte em um recipiente novo, que nunca tenha sido usado. Depois de banhado, o corpo deve ser envolvido em um tecido branco, chamado “mortalha”.

Outra interessante passagem que aponta as tradições judaicas nos costumes sertanejos descritos por Natércia Campos acontece quando a avó abençoa seu neto passando-lhe a mão na cabeça:

Na mesma semana Eugênia subiu para a Serra dos Ventos com seus quatro filhos. Ana nos braços levava seu afilhado, e a bênção da avó foi dada passando a mão nas cabeças de cada um, com carinho e emoção (p. 95, grifo nosso).

Sobre o assunto, Câmara Cascudo (2001), explica que:

Item, se os pais deitam a bênção aos filhos pondo-lhes as mãos sobre a cabeça, abaixando-lhe a mão pelo rosto abaixo sem fazer o sinal-da-cruz, é forma e modo judaico.

E arremata o mestre:

A bênção patriarcal, impondo as mãos sobre a cabeça do abençoado, registrava-se no Monitório como ofensiva à ortodoxia católica. Em 1591, Antônio de Oliveira denunciava a tia Violante Roiz que lhe pôs a mão na cabeça, nomeando Abraão. A velha Ana Roiz, que seria queimada pelo Santo Ofício em Lisboa, confessou: Quando lança a bênção a seus netos, dizendo a bênção de Deus e minha te cubra, lhes põem a mão estendida sobre a cabeça depois que lhe acaba de lançar a bênção. Não havia o sinal-da-cruz. É a forma imutável na família israelita. (CÂMARA CASCUDO, 2001)

Uma última relação que iremos apontar entre os costumes descritos por Natércia Campos e as tradições judaicas é quanto ao uso do “Sino Salomão”, a estrela de seis pontas, um dos maiores símbolos judaicos, descrito por Campos nas seguintes passagens:

O que primeiro ele avistava na porta da casa de taipa, ao regressarem, era a estrela de seis raios, o sino-salomão, feito das palhas bentas que a mãe recebera no Domingo de Ramos. Ela as tecera e ali as colocara a fim de afugentar as alucinações das coisas sorradeiras e invisíveis, que vagam silenciosas pelos chapadões e sítios sombrios. A mãe dissera que o lobisomem, na sua sina, não ousaria passar perto dali, a assombrar com seu tropel o chão pedregoso dos caminhos a desoras, nas noites de quinta-feira, vindo das sete partidas do mundo e das encruzilhadas (p. 109, grifo nosso).

Na sua serventia de rastejador, avistara, certa vez, o sino-salomão escavado em uma pedra a proteger um túmulo. Desde aí, só teve sossego quando mandou fazer pelo ferreiro do povoado esta estrela vigia, que amparava os vivos e guardava os mortos, levando-a sempre com ele. Nas noites de quinta-feira, quando ficava na emboscada das cobras, jamais se apartava do espeto agudo do mororó, de miolo duro como pedra, única arma capaz de desencantar lobisomem (p. 114, grifo nosso).

Esse interessante e mágico uso do Símbolo de Salomão – afugentar lobisomens – também foi descrito pelo historiador Gustavo Barroso (1932) em seu livro *As colunas do templo*, em que encontramos alguns desses elementos:

Até a estrela de cinco pontas, o sinal do macrocosmo é denominada Signo de Salomão. O éco dessas crenças chegou aos sertões nordestinos enfraquecido pelo tempo e diminuído pelas circunstâncias do ambiente. Ali se chama ao referido sinal Signo ou Sino Samão e se lhe atribúe a virtude de desencantar as avantêsmas e todos que andem "correndo o fado". Um sino Samão feito de palhinhas bentas, pregado numa táboa e posto num caminho ou na parede duma casa, é santo remedio contra "marmotas" e "pantasma". O lobisomem de orelhas caídas e a mula sem cabeça ou burra de padre veem na carreira, topam o sinal salomónico, param de sopetão, dão um gemido de dôr ou um uivo de odio, desaparecem ou desencantam-se. Não ha "visagem" que resista. Daí o habito sertanejo de riscar a estrêla de cinco pontas com um só traço na porta das habitações. O doutor Fausto apresentou-o a Mefistófeles (p. 286).

Chama atenção a estrela de Salomão com cinco pontas, este é um fato que merece a devida investigação, entretanto, não será objeto deste estudo. Importa aqui, todavia, para o entrelaçamento do misticismo sertanejo com essa espécie de cabala prática popular.

3 A bruxas judias n'A Casa de Natércia Campos

Para além das referências judaicas na cultura e no misticismo sertanejos presentes no livro de Natércia Campos, nos interessa perceber os elementos mágico-místicos femininos desse judaísmo impregnado na cultura, aos quais podemos fazer paralelos às ideias de bruxas e feiticeiras. Silva e Santana (2022) apontam como um grande arquétipo encontrado na literatura sertaneja, o da mulher selvagem/serpente, espécie de "Lilith do Sertão". Segundo os autores, este arquétipo aparece na obra de Ariano Suassuna associado à alegoria da Moça Caetana, a jovem e cruel Divindade negro-vermelha da Morte Sertaneja. A Caetana aparece cedo e sua presença é constante na obra de Natércia Campos, como no exemplo a seguir:

Tempo que brotou dentro das matas um arbusto que ao ser tocado pelo homem o fazia perder o rumo, se desvirtuando, sem mais poder achar o caminho, a trilha certa, mesmo que dele estivesse bem próximo. Já o mato tinha olhos e os mal-assombros esgueiravam-se fugidios diante de quem ali ainda estivesse no pôr-do-sol. Dele se apossaria um pavor súbito, inexplicável, a sensação de estar sendo seguido por invisíveis olhos e que a sangrenta morte do sertão, a cruel Moça Caetana, já o assinalara com suas longas unhas em garras. Sentiria no seu encalço a sorrateira suçarana, a parda, e ai dele se olhasse para trás. Pior, muito pior que estes olhos, foi o mau-olhado de certas mulheres velhas que nele trazia o quebranto às crianças, às plantas e

pimenteiras. O chifre de boi afugentador do malefício, o mau olhado, fincado em um mastro entre as plantações, só foi ali colocado após várias gerações por mim terem passado.

Lembro-me da primeira vez, e havia de ser na Trindades, quando Ela aqui chegara em missão. Uma das portas abriu-se sem que ninguém a empurrasse e nem a frágil aragem a tocasse. Os ventos haviam me alertado que a Morte assim entra nas casas quando silenciosas e inexplicáveis as portas se abrem. Os passos da velha serviçal fizeram-se ouvir e ela caminhou em direção à porta benzendo-se antes de fechá-la. Senti vacilar a chama da vela no quarto do menino-pagão. Dias antes, chegara o Bento, dotado de poderes de cura, assim afortunado, por ter chorado no ventre materno (p. 30 e 33-34, grifo nosso).

Silva e Santana (2022) trazem uma explicação de Suassuna sobre o processo de criação da personagem, na qual o autor explica que encontrou um sertanejo que lhe dissera que a morte era uma mulher chamada Caetana e que, por isso, passou a chamá-la de “A Moça Caetana”. Depois, percebera que invertendo as sílabas da palavra “moça”, quase se consegue a palavra “onça”, tendo, assim, criado uma mulher felina, que muitas vezes se encarna em onça e que Natércia Campos chama de “sorradeira suçuarana, a parda”. Silva e Santana (2022) percebem a visão original de Suassuna para a morte, diferenciando-a da visão tradicional difundida no Ocidente, de uma figura cadavérica, esquelética e acompanhada de uma foice, um capuz e uma capa pretos.

Além disso, a Moça Caetana é capaz de transformações que lhe permitem aparecer como figura divina, feminina, faminta, sedutora, assustadora, sensual e sexual. Sobre suas metamorfoses e disfarces, escreve Natércia Campos:

Tinha ele fama de livrar criança de quebranto com seus ensalmos e o chamaram para ver o menino-pagão que nascera já trazendo com ele uma grande fadiga. O menino adormecera de bruços e o Bento dele aproximou-se e com extrema leveza passou seus dedos sobre suas pequenas costas. Dissera em quase sussurro: “Este aqui não se cria, traz nele a marca das asas.” Invisível como o vento e os encantos, a Morte apossara-se do frágil sopro do menino-pagão na noite em que a porta se abria dando-lhe passagem. Assisti assim também, pela primeira vez, à estranha permuta que sempre ocorreria quando Ela cumpria sua missão: deixara na criança uma estranha imobilidade e carregara sua miúda e irrequieta sombra.

Presenciei durante várias gerações a chegada Dela abrindo portas, refletindo-se no grande espelho ao invadir meus espaços e muito aprendi sobre suas metamorfoses e disfarces. Nem sempre entra translúcida e repentina como a primeira vez que aqui chegou. Por vezes se instala pesada como o fardo de uma cruz, a requerer grave paciência. É peleja longa, demorada, pois compraz-se em estiolar o doente e extenuar os que o cercam. Começa por envolver a vida por ela escolhida em tormentos e vãs expectativas de melhoras e assim segue até o fim quando permite, na véspera, a enganadora

e breve visita da simulada Saúde que tanto se ausentara. Todos, vencidos pelo cansaço das longas recaídas e vigílias, relaxam e Ela regressa quase sempre no fim da noite ou fim do dia, horas dos desequilíbrios na natureza, quando a Vida a ela se rende num derradeiro suspiro (p. 36).

Silva e Santana (2022), então, interpretam a personagem à luz da luta histórica das mulheres, com o intuito de afirmarem sua autonomia diante das imposições da sociedade, o que significa uma visão avançada de Lilith, demônio feminino da Cabala. Segundo os autores, Lilith tem sua história marcada por momentos de subjugação, renegação e diminuição e representa uma faceta instintiva e terrena que caracteriza o feminino, personificando de forma estimulante os impulsos sexuais de Adão. Dessa forma, em alguns mitos de criação, Lilith emerge como uma qualidade instintiva do feminino, emanada de Deus e do Diabo, e associada, de maneira elementar, à humanidade. As representações da mulher perigosa, a Lilith sertaneja, incorporam significativa quantidade de elementos de origem cabalista, desde detalhes da Morte representada como uma entidade feminina, até os perigos inerentes à beleza da mulher. Essa Morte feminina ainda aparece nessas outras três ocasiões na narrativa de Natércia Campos:

Em uma noite de luar, ela com extrema cautela saiu do quarto e retornou com o banco da cozinha. Surpreendi-me ao sentir que a bela Maria, ao voltar para seu quarto, Ela viera na sua companhia. Ambas trancaram-se, aferrolhando a grande porta. Valeram-se de um dos armadores para pendurarem juntas a corda retirada de dentro da canastra. O nó foi meticulosamente bem dado a quatro mãos. Perfeito. Estava bela antes que seus pés fizessem deslizar o banco onde subira para aprisionar seu longo pescoço na laçada da corda. Houve um demorado espanejar. Do quarto Ela saiu com aquela vida deixando ficar seu rastro no torturado rosto de Maria. Noite longa em que os ventos esgueiravam-se frios (p. 81).

Eugênia retornaria dias depois com o Bisneto já que novamente, tarde da noite, Ela aqui chegou abrindo a porta fechada do quarto da mãe de Custódio. A tocaia foi perpetrada sem dar-lhe nenhuma condição de defesa, pois a mãe de Custódio dormia profundamente. A luz do candeeiro de vidro bojudo a iluminou até que a luz do dia revelou sua intensa palidez à serviçal, que lhe trouxera o copo de leite mungido e ainda quente (p. 96).

Da cozinha soube que desceria da serra o Bisneto, já assinalado pelas garras da Moça Caetana. Fizera ele o propósito de vir se finar na Trindades onde nascera (p. 97).

Outro arquétipo feminino apontado por Silva e Santana (2022) no sertão nordestino é o da feiticeira e da bruxa. Segundo os autores, na literatura sertaneja, por vezes o arquétipo é

tratado de forma positiva e por outras vezes, de forma negativa. Explicam que em outra perspectiva histórica talvez fosse necessário diferenciar entre os termos feiticeira e bruxa, especificando a conotação empregada, mas que no contexto da cultura sertaneja, conforme se encontra na literatura de cordel, as duas expressões são utilizadas indistintamente para referir à mesma personagem. A interpretação dos autores deve-se à Chevalier e define-se como a “antítese da imagem idealizada da mulher”, que seria uma espécie de sacerdotisa das “forças sombrias do inconsciente” e dos “segredos da natureza” (CHEVALIER, 2020, p. 481 *apud* SILVA; SANTANA, 2022, p. 63), portanto, símbolos do feminino que exploram a profundidade do mistério e evocam uma consciência ecológica primária. Os autores explicam que em alguns folhetos de cordel, o arquétipo da feiticeira/bruxa é apresentado de forma pejorativa e, até mesmo, estereotipada, maligna e cruel. Esse aspecto estereotipado da bruxa foi utilizado nessa passagem, quando personifica a Fome como uma Velha-do-Chapéu-Grande:

Quando a Velha-do-Chapéu-Grande, assim o empalhador de cangalhas para montarias, chamava a fome, empoleirou-se de vez, assistindo ao padecer dos viventes, há muito haviam se apartado as águas, não mais existiam as plantações, os pastos, o chão crestara-se ferido, as árvores tornaram-se pardas, empoeiradas, as coisas tresandavam a borralho e os homens e animais começaram a minguar e a finar-se (p. 42).

Uma relação que podemos fazer é entre a imagem de uma velha do chapéu grande com a dos condenados pela Inquisição à utilização do sambenito – o hábito penitencial –, uma espécie de manto, um saco sobre as roupas com o desenho da cruz amarela de Santo André, que o réu deveria usar em locais públicos durante o resto da vida (NOVINSKY, 2015). Lira Neto (2021) ao descrever a saga dos cristãos-novos desde sua expulsão da Península Ibérica e suas fugas da Inquisição, assim descreveu os sambenitos:

Os sambenitos dos que deviam escapar ao fogo vinham assinalados com a cruz de Santo André, em diagonal, na forma de x, de cor vermelha. As vestes dos condenados à pena máxima apresentavam imagens de labaredas desenhadas e coloridas à mão. Se as chamas se mostrassem voltadas para baixo, entendia-se que uma providencial confissão de ter praticado o judaísmo em segredo, depois da condenação, resultara na clemência por parte dos inquisidores. Se as flamas estivessem direcionadas para cima – rodeadas por figuras de cães, serpentes, grifos, demônios e de uma estampa representando o rosto do próprio penitente –, o destino inexorável seria a fogueira, purgatorius ignis, a entrega do herege ao fogo purificador. Nesse caso, para maior vexame, o sambenito era complementado pela carocha,

chapéu alto e pontudo, feito de papel, ilustrado com motivos idênticos aos das vestes. (LIRA NETO, 2021, p. 22)

Portanto, como mostra a Figura 1, a utilização da carocha – o chapéu alto e pontudo aos quais os penitenciados eram submetidos –, remete à figura conhecida das bruxas presentes nas histórias e filmes infantis. Portanto, o empalhador de cangalhas de Natércia Campos, ao relacionar a fome com uma certa bruxa de chapéu grande, poderia estar relacionando a imagem às figuras das bruxas das antigas histórias infantis ou, de alguma maneira, às bruxas queimadas nas fogueiras da Inquisição, vestidas com o sambenito.



Figura 1: Personagem da atriz Teuda Bara no filme *As Órfãs da Rainha*, de 2023 e direção de Elza Cataldo. Uma judia condenada pela Inquisição a utilizar a carocha e o sambenito. O grande chapéu pontudo remete à imagem usual das bruxas, condenadas às fogueiras. Fonte: compilação do autor (disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/08/as-orfas-da-rainha-mostra-brasil-colonial-com-violencia-e-lirismo.shtml>). Acesso em 22 set. 2023)

Silva e Santana (2022) contam que na versão original de *O Livro de São Cipriano*, a Bruxa Lagarrona, oriunda de Évora, em Portugal, deixou segredos anotados em pergaminhos e em um letreiro pintado no chão de sua casa, diabólica e mal-assombrada, para aqueles que soubessem interpretá-los. Em seus escritos continha:

A interpretação das cartas, o método de deitá-las para adivinhar o futuro, feitiços para o amor, bruxarias para ganhar dinheiro, ter sorte no jogo, adivinhações por meio de bacias d'água, de espelhos mágicos, por meio de cebolas, de perfumes (SÃO CIPRIANO, 2021 *apud* SILVA; SANTANA, 2022, p. 65).

Cipriano foi então transformado em santo após a conversão ao cristianismo mas ainda era tido como o rei dos feiticeiros e, conforme seu livro: “A magia tem também seus limites. E praticá-la para o bem só traz a sorte. Caso contrário... Só traz infelicidades e desilusões.” (SÃO CIPRIANO, 2021 *apud* SILVA; SANTANA, 2022, p. 66). Assim, Natércia Campos coloca um esconjuro da bruxaria secular portuguesa com o intuito de proteção e boa sorte na fala da narradora do livro, a própria Casa:

Vontade tenho de poder pronunciar alto o esconjuro da bruxaria secular portuguesa: “Vai-te pro ar coalhado”, afastando com esta expressão não os que aqui pudessem estar a espionar e sim os que aqui praticam suas iniquidades (p. 56).

Silva e Santana (2022) trazem a informação de que as feitiçarias e bruxarias sertanejas também incorporaram, ao longo dos séculos, elementos indígenas, peculiares ao ecossistema da região, o que se chamava também de pajelança, tratada na designação genérica das Ciências das Religiões e da Antropologia como xamanismo. Quanto a esse viés da pajelança, Natércia Campos apresenta a figura da velha Josefa, que trabalhava n'A Casa e que detinha conhecimentos sobre plantas e ervas medicinais:

A velha Josefa amanhecera atirando pela janela os feixes de lenha, feitos da jurema, cujas raízes postas em infusão e bebida ao deitar fazia descer na madrugada, nos últimos raios das estrelas, a mãe-do-sonho. Fizera a velha Josefa muxoxo e o estalido prenunciando desprezo era por quem cortara a madeira sem ter conhecimento, que fogo aceso com a jurema-preta quebrava as panelas de barro (p. 97, grifo nosso).

E também nesta passagem:

Contara Eugênia aos parentes ali reunidos que desde a doença do cobreiro vivia ele aguilhoado por dores ao redor do seu corpo, onde o círculo de bolhas se alastrara causando-lhe calafrios. O Bisneto falou que desejava ver a velha Josefa e quando esta dele se aproximou pediu com sua voz ofegante: – Use suas artes de mandinga, minha velha, mas livre-me deste cilício de agudas farpas em mim encravado dia e noite. Sorriu concluindo: – Igualzinho aos espinhos dos carrapichos. A velha Josefa abanou a cabeça e foi com brandura que lhe tirou as esperanças: – Meu filho, se você me tivesse mandado buscar quando ele apareceu teria rezado e lhe curado. Agora é tarde, já secou a peçonha ofendendo os nervos. Talvez você melhore com uns emplastros, queira Deus. Tem aí, pra você, doce de vidro. Precisa é comer mais, tá muito magrinho e também pegar cor. Aqui você vai sarar, com a graça de Deus (p. 101, grifo nosso).

Os autores traçam então um paralelo entre o fenômeno, tradicionalmente associado às culturas indígenas, com as mulheres descendentes de judeus sefarditas e praticantes do criptocabalismo que habitaram o sertão. Iniciam com referência ao livro anterior de M. Silva (2019), em que o autor encontrara, em suas pesquisas pelo Seridó do Rio Grande do Norte, duas descendentes de cristãos-novos que, enquanto praticantes do criptocabalismo, mantinham uma relação especial com a natureza, da mesma maneira que se caracteriza a relação de uma xamã, conforme a literatura antropológica. Explicam que, academicamente, as conexões entre os fenômenos estudados tradicionalmente pela Antropologia como xamanismo e os fenômenos cabalísticos, foram percebidas pelo pesquisador da Universidade Hebraica de Jerusalém, Jonathan Garb no livro chamado *Shamanic Trance in Modern Kabbalah*, publicado em 2011. Concluem então com a ideia de que, no caso do sertão nordestino, a convivência entre diferentes orientações místicas pulsantes na região e o sincretismo forçado para a adaptação aos elementos típicos do ecossistema sertanejo, reforçam as possibilidades de influências mútuas (SILVA; SANTANA, 2022). Possivelmente, as conexões vão além de influências e tenham se mesclado profundamente em um processo mestiço em que um se incorpora no outro e o outro no um, formando novas formas místico-mestiças. Essas novas formas são encontráveis somente em locais como a América Latina, cujos encontros, sobrevivências e mecanismos do cotidiano se constituíram aquém e além das lógicas identitárias dos países colonizadores, que se autocentram em torno de seus conceitos e lógicas (PINHEIRO, 2020). Um livro como *A Casa*, de Natércia Campos, é um grande emaranhado de culturas díspares, que se inter cruzam e se alimentam de distintas, longínquas e já mestiças tradições, de modo que, a própria tentativa de aqui indicar fenômenos criptojudaios e criptocabalistas, são de natureza indicial e abduativa (IBRI, 2015), sem a intenção de cravar nenhuma verdade de natureza definidora ou definitiva. Portanto, a intenção desse trabalho foi de buscar, dentro da mestiçagem da cultura sertaneja, expressa no livro *A Casa*, de Natércia Campos, índices de elementos criptojudaios e criptocabalistas, com o desejo de alargar os caminhos de decifração desses elementos criptografados e subterrâneos, buscando melhor compreender o fenômeno múltiplo e complexo que é essa cultura e essa gente.

5 Considerações finais

A sugestão de elementos criptojudáicos estarem presentes na literatura de Natércia Campos não é por acaso. A autora escreveu o prefácio do livro *Estandartes das Tribos de Israel* (2001), composto de poemas de Virgílio Maia no estilo Martelo-gabinete e imagens de cerâmicas representando as bandeiras das 12 tribos de Israel desenvolvidas por Socorro Torquato, de nome artístico Pinxit Côca. Para o título do prefácio, Natércia Campos utilizou um verso do poema “A Seca nos Inhamuns”, do poeta cearense Jáder de Carvalho que diz: “A Alma Bíblica do Sertão Encourado” (2001, p.11). A autora conhecia muito bem a história dos judeus e de sua diáspora até os sertões do Nordeste brasileiro. Explica:

A presença judaica em terras ibéricas remonta, conforme a mais atualizada História, quando nada à época anterior à destruição do Segundo Templo de Jerusalém, e aí já se vão pelo menos dois mil anos. Nos primórdios da Colonização – Brasil, quase anagrama de Israel – topamos com os cristãos-novos Fernão de Noronha, que deu nome ao Arquipélago, com Diogo Álvares Correia, o Caramuru, com Bento Teixeira, a quem certamente se atribui a autoria de “Prosopopéia”. Encontramos, em 1603, o cristão-novo açoreano Pero Coelho de Souza palmilhando os escaldantes areais deste arco retesado que é o litoral cearense. Ceará, Seará, Siará. Há, em hebraico, esta palavra, Siará, exatamente como nós cearenses a pronunciamos, significando intempérie. Aqui, é de se lembrarem as intempéries que sobre Pero Coelho se abateram, sem que se queira dar a isto trato histórico-etimológico. Luciano Cardozo de Vargas, também cristão-novo, é encontrado, mal começado o século XVIII, requerendo sesmaria, fundando fazenda e semeando a descendência na ribeira jaguaribana, a ponto de ter sido cognominado, não sem razão, de “O Abraão do Jaguaribe”. (CAMPOS *in* MAIA; TORQUATO, 2001, p. 12-13)

Como se vê, a escritora tinha profundo conhecimento histórico dos fatos que se desenrolaram desde a expulsão dos judeus da Península Ibérica, a Sefarad, até a ocupação dos sertões mais longínquos, em busca de paz, longe dos tentáculos inquisitoriais. Continua a autora:

Judaizar era, então, crime punido com pena capital, tudo rígida e burocraticamente controlado pela onipresente Santa Inquisição. Que fazer? Como praticar a involvidada Lei Velha, com seus jejuns, suas abstinências, sua água lustral, suas velas, seus menorás, suas bênçãos de mão espalmada sobre a cabeça do filho, a bênção dos israelitas, como ensina Câmara Cascudo? Que fazer? Ora, se possível, era ir embora, de lá sair, de preferência para o Brasil, território ainda não alcançado pelos tentáculos inquisitoriais. (...) E aqui chegaram, muito provavelmente aos milhares. Assim

sendo, cada nordestino pode, hoje, interrogar a si próprio, qual se interrogou o argentino Jorge Luis Borges, também ele descendente de portugueses:

¿Quién me dirá si estás en el perdido
Laberinto de ríos seculares
De mi sangre, Israel?
(CAMPOS *in* MAIA; TORQUATO, 2001, p. 14)

Portanto, além de conhecimento histórico, Natércia Campos possuía conhecimento sobre práticas e tradições judaicas e suas formas como foram inseridas na cultura sertaneja. Sabia, muito bem, que “cada nordestino” possuía sangue de Israel emergindo nas práticas mágicas e místicas no sertão. Parece bastante razoável, portanto, imaginar que as bruxas presentes n'A Casa, tenham conexões históricas judaicas, presentes pelas contribuições dos cristãos-novos que se mestiçaram com negros e indígenas na constituição cultural brasileira. Encerra-se esse artigo, referenciando outra vez a Natércia Campos, utilizando a mesma citação que a autora usou para fechar o prefácio já citado. Aproveitando as palavras de Alberto Dines, na apresentação feita para o cedê “Homenagem a Sefarad”, com poemas em ladino traduzidos por Virgílio Maia e musicados por César Barreto, Natércia Campos fala da capacidade mestiça do brasileiro de mesclar os díspares, o alto e o baixo, o longe e o perto, o antigo e o novo, o sagrado e o profano, permitindo recriações e interpretações só possíveis nos locais em que as aproximações fortuitas e as descobertas do outro se fizeram essenciais e necessárias para a sobrevivência. Da mesma maneira, utilizando as mesmas palavras, terminamos este artigo, entendendo que Natércia Campos foi capaz de plasmar tantos elementos da cultura “...na brasileiríssima capacidade de incorporar cosmicamente tudo o que nos toca (atinge), mesmo aquilo que não nos toca (diz respeito) diretamente” (MAIA; TORQUATO, 2001, p. 18).

Referências

BARROSO, Gustavo. **As Colunas do Templo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.

CAMPOS, Natércia. **A Casa**. 3. ed. Fortaleza: Imprece, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Mouros, Franceses e Judeus – Três Presenças no Brasil**. São Paulo: Global, 2001.

FAINGOLD, Reuven. **Abacadabra e Shabriri no Judaísmo. Gerações/Brasil Boletim da Sociedade Genealógica Judaica do Brasil**, v. 9, p. 14-15, 2000.

IBRI, Ivo Assad. **Kósmos noetós**: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce. São Paulo: Paulus, 2015.

LIRA NETO. **Arrancados da terra**: perseguidos pela Inquisição na Península Ibérica, refugiaram-se na Holanda, ocuparam o Brasil e fizeram Nova York. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MAIA, Virgílio; TORQUATO, Socorro. **Estandartes das Tribos de Israel**. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

MIELE, Neide. Velhos “cristãos-novos” no sertão paraibano. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, ano VIII, n. 13/14, p. 539-552, 2008.

MORETÓN, Emilio Fonseca. Viviendas de judíos y conversos en Galicia y el Norte de Portugal. **Anuario Brigantino**, n. 27, 2004.

NOVINSKY, Anita. LEVY, Daniela. RIBEIRO, Eneida. GORENSTEIN, Lina. **Os judeus que construíram o Brasil**: fontes inéditas para uma nova visão da história. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

PAMPLONA, Erwin Von-Rommel Vianna (tradução). **Sefer Yetzirah – The Book of Creation**. 4. ed. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer Ltda, 2018.

PINHEIRO, Amálio. A Condição Mestiça. **Revista Pasquinagem**, São Paulo, v. 10, p. 8-23, 2020.

PINHEIRO, Marjones Jorge Xavier. **Morte e judaísmo**: Transformações ao longo do tempo em Pernambuco. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SCHOLEM, Gershom. **Cabala**. São Paulo: Editora Campos, 2021.

SILVA, Ana Lígia Lira da. **A herança histórica cultural judaica no Agreste de Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

SILVA, Marcos. **A religião católico-sertaneja**: reminiscências do criptocabalismo a partir do Seridó Judaico. Natal: Sebo Vermelho, 2019.

SILVA, Marcos; SANTANA, Vitória Santos. **A deusa judia que se exilou no sertão**: etno-história de um mito cabalista. Natal: Sebo Vermelho, 2022.

SUASSUNA, Ariano. Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SUASSUNA, Ariano. **Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores**: O Jumento Sedutor, livros 1 e 2. 1. ed. Rio de Janeiro: Novas Fronteira, 2017.

Recebido em: 23.09.2023

Aprovado em: 12.12.2023